

# Revolução Russa: história, política e literatura

JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI

Organização, tradução e prefácio: Luiz Bernardo Pericás  
São Paulo: Expressão Popular, 2012, 304p.

*Deni Ireneu Alfaro Rubbo\**

“Meses, Outubro”, belo verso de Brecht. De fato, não resta dúvida que a Revolução de Outubro na Rússia ainda hoje é um dos episódios mais emocionantes e intrigantes da história universal contemporânea, mesmo quase cem anos depois de sua “eletrização pelo mundo” – conforme um dos anúncios dos bolcheviques na época. E, mais atraente ainda, é que a irradiação da tomada do Palácio de Inverno não passou despercebida por quem é considerado o autor mais original do marxismo latino-americano, José Carlos Mariátegui, o que, por sua vez, permite revisitar esse evento extraordinário de um ponto de vista extremamente singular.

Mariátegui dedicou exclusivamente cinquenta textos ao país de Lenin. Reunidos no livro *Revolução Russa: história, política e literatura* – organizado, traduzido e prefaciado por Luiz Bernardo Pericás, historiador brasileiro que há alguns anos tem se tornado o principal divulgador da (promissora) odisseia mariateguiana no Brasil –, os textos mostram de *forma cronológica* uma face da produção jornalística do marxista peruano ainda pouco conhecida. Afinal, Mariátegui não é apenas autor de *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, obra seminal que o “canonizou” internacionalmente como o marxista mais original da América Latina, mas mostrou também árdua competência na divulgação e análise

\* Mestrando em Sociologia pela USP.



de questões internacionais precípuas de inúmeros países – dentre elas, a Rússia soviética – entre 1920 e 1930.

Como o próprio subtítulo da obra sugere – *história, política e literatura* –, os artigos transitam nessas três dimensões. A dimensão artística e literária, por exemplo, ocupou a maior parte dos textos de Mariátegui: trata-se de 21 textos no total. É extraordinário seu conhecimento sobre a produção literária russa dos anos 1920. Escreveu diversas resenhas de obras russas, que eram rapidamente traduzidas em língua espanhola, italiana e francesa. Os escritores russos com que teve aproximação são praticamente desconhecidos pelo público brasileiro – Alexander Blok, Lidia Serfulina, Mikhail Artsibachev, Fedor Gladkov, Leonid Leonov, só para ficarmos em alguns nomes. Evidentemente, debruçou-se sobre figuras artísticas proeminentes do passado russo (Tolstoi e Dostoiévski) e de sua época (Máximo Gorki e Serguei Iessienin). Considerava, pois, a “nova literatura russa” a única pertencente ao que chamou de “realismo proletário” (posteriormente, nos anos 1930, foi formalmente transformado em “realismo socialista”), ou seja, aquela que “se nutre da nova vida russa” (p.141). A energia criadora da nova literatura russa estaria *organicamente* ligada à *epopeia* bolchevique, gênero em decadência no Ocidente, mas em estado de *renovação* no Oriente.

Outra dimensão dos textos de Mariátegui está mais particularmente preocupada em apresentar como se desenrolou o processo *político das relações internacionais* do primeiro decênio da URSS em relação aos países capitalistas. É interessante esse eixo temático no qual se aprofundou Mariátegui, já que, de maneira geral, pouco se estudou sobre esse tema (ao contrário, por exemplo, da Revolução Cubana e o embargo econômico externo que Cuba tem sofrido durante décadas). O autor de *Defesa do marxismo* destaca principalmente as relações diplomáticas com a Inglaterra (e, secundariamente, Alemanha, França e Estados Unidos) e, no último ano de sua vida, em 1929, escreve cinco textos sobre a conturbada relação da Rússia soviética com a China.

Há também os textos em que Mariátegui voltou-se para o entendimento da *história* (interna) da Revolução de Outubro, ressaltando amiúde alguns personagens fundamentais para compreender o processo revolucionário russo. Pouco depois de sua viagem à Europa, na sede da Federação dos Estudantes do Peru, realizou, em 1923, três palestras sobre a Revolução Russa, destacando as novas instituições do regime soviético e a personalidade política de Lenin, pela qual nutre uma admiração implacável. Tem um notável entusiasmo por Tchitcherin (Comissário dos Negócios Estrangeiros), o qual “dialogava com o mundo em voz alta, sem reservas, eufemismos ou protocolo” (p.76), pelo “horizonte humano” de Leonid Krassin (Comissário do Comércio Exterior), “técnico idôneo” e “idôneo socialista”, e lamenta a morte de Dzerzhinsky (Comissário de Vias de Comunicação), um dos mais “heroicos combatentes” do bolchevismo.

Ressalta a contribuição que a Revolução Russa deu às mulheres e vice-versa, sublinha o protagonismo de Alexandra Kolontai, assim como de Angélica Bala-



banoff na vanguarda política da Rússia soviética: “a história da Revolução Russa se acha, na verdade, muito conectada à história das conquistas do feminismo” (p.84). Apesar de seus inegáveis avanços, o advento da Revolução Francesa (a democracia burguesa) ficou circunscrito ao direito do *homem*, afastando a mulher de qualquer dimensão política. Em contrapartida, a Revolução de Outubro inaugura a *dignidade* da mulher lutadora, pondo em xeque o luxo e a elegância feminina burguesa.

Dentre todas as personalidades, contudo, a que mais atraiu Mariátegui foi incontestavelmente a figura de Leon Trotski, ficando atrás apenas de Lenin. Além de citações *en passant* de diversos textos literários ou políticos, o autor de *Sete Ensaio*s dedicou-se particularmente ao trabalho de quatro artigos sobre o comandante do Exército Vermelho (três dos quais estão incluídos nesse volume). É verdade que, em 1929, claramente toma partido por Stalin, como “o que teria maior capacidade objetiva de realização do programa marxista” (p.202). No entanto, não se pode deixar de considerar que Mariátegui chegou por um caminho independente a uma conclusão semelhante à de Trotski por considerar que a única alternativa à dominação imperialista em países coloniais (ou periféricos) era através de uma *estratégia política socialista*. Ademais, a despeito de considerar Trotski como defensor de um “radicalismo teórico”, considera seus argumentos como uma espécie de “crítica vigilante” às tentações do “burocratismo formalista e mecânico” que poderia emergir. Talvez essa seja a maior intuição do marxista latino-americano – que, vale ressaltar, não tinha dimensão da totalidade dos acontecimentos da Rússia soviética – entre a descontinuidade do espírito emancipador de 1917 e o terror burocrático de Stalin.

O admirador de Lenin foi, de fato, um defensor visceral de todos os aspectos da Revolução Russa, às vezes de maneira excessiva ou, até mesmo, pouco matizada. Nessa toada, não se pode ignorar – como afiança Pericás no prefácio – que as descrições e análises de Mariátegui, em especial de personalidades, “eram, em alguns momentos, unidimensionais e laudatórias, deixando de mostrar as idiosincrasias e os problemas intrínsecos de cada um deles, seja na questão do caráter ou de personalidade, seja nos aspectos teóricos ou políticos” (p.33).

Em um contexto em que a imprensa dos países da América Latina transmitia recorrentemente um manancial de desinformações e deturpações sobre a Rússia soviética (a “mobilização antissoviética” de que fala Mariátegui), certamente a intenção maior desses textos redigidos pelo jornalista peruano, para além de suas fragilidades, era estabelecer uma verdadeira luta no campo ideológico com o objetivo de fornecer um panorama que se diferenciava qualitativamente da “prosa hiperbólica das necrologias jornalísticas” (p.156) burguesas de sua época. Mariátegui tinha total consciência que essa “ruptura na ordem do mundo” (John Reed) não tinha sido um complô ou um golpe de Estado minoritário, pois, afinal, “a revolução não é uma idílica apoteose de anjos do Renascimento, mas a tremenda e dolorosa batalha de uma classe para criar uma nova ordem” (p.273).